

«O típico do cristianismo face a outras cosmovisões, religiosas ou descrentes, é a síntese, porventura impossível, mas que urge estabelecer, entre a total afirmação da Transcendência e a afirmação mais plena da imanência: a entrega completa ao mais-além, e a plena dedicação ao mais-aquém. Porque, por incompreensível que pareça, Deus é o infinitamente distante, o incrivelmente próximo e o profundamente íntimo», escreve JOSÉ I. GONZÁLEZ FAUS, jesuíta, teólogo espanhol, em artigo publicado por *Religión Digital*, 07-12-2018.



## catolicismo não cristão

**A** frase pode parecer dura [**catolicismo não cristão**], mas não é minha. Em 1933, Fernando de Los Ríos (um dos pioneiros da Instituição livre de Ensino) escreveu: “*pobre catolicismo espanhol que nunca chegou a ser cristão!*”. Retiremos-lhe a dose de exagero que possa conter, e fixemo-nos na dose de verdade que esta frase possui.

Pouco tempo depois, Romano Guardini publicou uma de suas obras mais famosas *A essência do cristianismo*. Nela afirmava que a essência do cristianismo consiste, simplesmente, em Jesus enquanto Cristo. O que gostaria de destacar, agora, é o facto de haver algumas formas de catolicismo conservador das quais Jesus está, praticamente, ausente, parecendo ter sido substituído por outros pseudocristos.

Confessar Jesus como o Ungido, o impregnado de Deus (é o que significa Cristo), implica segui-lo na sua boa nova e no seu labor, no que ele chamava “reino de Deus”. Esse reino de Deus (consequência da boa nova de Jesus de que Deus é pai de todos) significa que o ser humano está acima de todo o sagrado (Mc 2, 27-29), que os condenados da terra são os preferidos de Deus (Lc 6,20-26), que o que a eles se faz, a Deus se faz (Mt 25, 31ss), que o seguidor de Jesus deve perdoar e amar os inimigos (Mt 5, 43-38), e que há uma incompatibilidade radical entre Deus e o dinheiro (Mc 10, 17 ss)...

**O catolicismo não cristão esquece (ou desconhece) estas características da boa nova de Jesus.** Ao esquecê-las, na realidade, não segue a Jesus como o Cristo de Deus, substituindo-o por outros “pseudocristos”, que apelarão porventura à palavra Cristo, conferindo-lhe, porém, um rosto distinto do de Jesus. Eis os exemplos mais frequentes:

**1. Uma cristificação do bispo de Roma.** No século XIX, chegou-se a escrever que o papa é como que um “prolongamento do Verbo incarnado”, e foram-lhe atribuídas expressões que a tradição cristã aplicava a Jesus Cristo (“mais alto que os céus, santo e separado dos pecadores...”). O título de “Santo Padre”, que ainda usamos atualmente sem qualquer problema, é um vestígio dessa forma de pensar. E hoje há grupos que acusam Francisco de “dessacralizar o papado”, ignorando que a heresia está, sim, no facto de eles terem sacralizado o papado.

**2. Uma piedade mariana que não parece dirigida à modesta jovem de Nazaré, mas a uma figura semidivina,** ou a uma deusa grega coroada como Rainha, e vestida com umas joias que Maria nunca utilizou. De uma forma muito vaga, ela é envolvida numa auréola de pureza etérea que se condensou na expressão “ave Maria puríssima”, que não

incomoda ninguém. Contudo, se lhes pedíssemos que substituíssem essa expressão por outra como “ave Maria pobríssima”, negar-se-iam a fazê-lo, ignorando que é dessa pobreza que brota a pureza de Maria.

**3. Uma devoção à eucaristia transformada numa espécie de “Deus feito coisa”,** desligada da Ceia de despedida de Jesus e dos seus gestos de partir o pão (símbolo da necessidade) e de fazer rodar entre os comensais a taça de vinho (símbolo da alegria). Assim coisificado, Deus pode ser comodamente adorado, e podemos ir comungar quase à margem de toda a celebração eucarística, só para “receber graça”, mas sem que essa graça nos leve a partilhar a necessidade e a comunicar a alegria.

4. Uma última característica deste catolicismo não cristão **pode ser uma forma de relação “contratual” com Deus**, que nos permite transformá-lo em propriedade nossa, bastando para tal cumprir a nossa parte do contrato. É esta, precisamente, a relação com Deus que Jesus criticou como “farisaísmo”: tendo Deus como nossa propriedade privada, somos os melhores e podemos sentir-nos superiores aos outros. É aquela velha anedota (colocada nos lábios de uma pobre velhinha, mas que está em muitos corações não tão velhos assim): “pode o papa mudar o que quiser, que, ao fim e ao cabo, quem se salva são sempre os mesmos”.

**E “salvam-se” porque este tipo de catolicismo substituiu a confiança, que é o que mais caracteriza a fé, pela segurança** que nos liberta da entrega confiada. É por isso, que eu costumo dizer que o maior inimigo da fé verdadeira não é, propriamente, a incredulidade, mas a tentação da segurança.

Este panorama é, realmente, muito pouco cristão, embora se apresente como “muito católico”. A sua maior característica não é a confiança em Jesus, mas o medo de Jesus e do seu anúncio do “reino de Deus” que, por assim dizer, horizontaliza todas as verticalidades pseudoreligiosas. E não o faz substituindo a vertical pela horizontal (coisa em que Jesus nunca pensou), mas sim, mantendo a horizontal na vertical.

Neste sentido, o típico do cristianismo face a outras cosmovisões, religiosas ou descrentes, é a síntese, porventura impossível, mas que urge estabelecer, entre a total afirmação da Transcendência e a afirmação mais plena da imanência: a entrega completa ao mais-além e a plena dedicação ao mais-aquém. Porque, por incompreensível que pareça, Deus é o infinitamente distante, o incrivelmente próximo e o profundamente íntimo. **Quem dera, pois, que Azaña, ao dizer que a “Espanha deixou de ser católica”, tivesse querido dizer que a Espanha está a começar a ser cristã...**



A piedade pessoal conduz, logicamente, a estruturas de misericórdia. Ambas as Igrejas, no decurso do século XIX, sustentaram, nos territórios alemães, o movimento cooperativo e fundaram, também, muitas cooperativas, no campo e na cidade, para combater a pobreza e o desemprego. Unindo-se, automaticamente, em cooperativas, tornam-se mais fortes. A alternativa à pobreza não é a riqueza; a alternativa à pobreza e à riqueza é a comunidade.

JÜRGEN MOLTSMANN

# aqueles gestos que atestam a grandeza da vida

Extrato da intervenção escrita do teólogo alemão JÜRGEN MOLTSMANN para as jornadas de diálogo **“Dez palavras. Porquê a nossa época tem necessidade de Deus”**, promovidas pela Universidade Católica do Sagrado Coração e pela revista *“Vita e Pensiero”* [Vida e Pensamento].

**E**xistem de facto, estruturas de misericórdia? Até agora, temos considerado a misericórdia, no seu conteúdo literal, apenas sob o aspeto da piedade pessoal e espontânea com os necessitados. Mas, será que a misericórdia funciona, apenas, no âmbito pessoal? O bispo brasileiro D. HÉLDER CÂMARA disse um dia: *“Quando sentia piedade pelos pobres, aplaudiam-me e chamavam-me santo. Quando questionava em público a existência de pobres, insultavam-me e chamavam-me comunista”*.

Se há leis e estruturas sociais inumanas, também há leis e estruturas humanamente justas e socialmente equânimes. Portanto, há também estruturas misericordiosas ou não. As primeiras comunidades cristãs não se limitavam a enfrentar a pobreza individualmente, como o “samaritano misericordioso”; praticavam a conhecida comunhão de bens proto cristã, que ainda hoje vigora nas ordens cristãs de monges e freiras: “Não havia entre eles, de facto, nenhum necessitado” (Atos 4, 34). A comunidade de Jerusalém tinha, mesmo, ordenado “sete assistentes dos pobres” (Atos 6, 3) que cuidavam das viúvas e dos órfãos privados de direitos e indefesos. Parece que algumas comunidades cuidavam, não só dos próprios pobres, mas também – como constatavam, admirados, os seus contemporâneos – das viúvas e dos órfãos de toda a cidade. Reconheciam, em ambas as formas de enfrentar a pobreza, as raízes cristãs da solidariedade. A solidariedade que se pode reconhecer como fidelidade comunitária: não deixar que ninguém caia, mas preocupando-nos com todos aqueles que nos pertencem. Mas, também, uma solidariedade aberta a todos os míseros da cidade ou da sociedade.

Diante das igrejas medievais sentavam-se, sempre, muitos mendigos. Assim, os fiéis piedosos podiam exercer para com eles as boas obras de misericórdia, e garantir para si um tesouro nos céus. Certamente que, nas sociedades medievais, também havia fraternidades vocacionadas para o cumprimento das sete obras de misericórdia. Embora os homens, hoje, já não acreditem no céu, sentem-se “bem” quando são “benévolos” e contribuem para a Caritas.

A partir da Reforma, deixou de haver mendigos à porta das igrejas evangélicas. Será que os cristãos protestantes deixaram de ser misericordiosos, por acreditarem na justificação somente pela fé e não mediante boas obras? Não. A Reforma tem sido, nas cidades, uma reforma não só da Igreja, mas também da sociedade. A partir da Reforma, os diáconos assumiram a função da assistência aos pobres e aos enfermos, preparando, assim, para a sociedade, o caminho para o Estado social. A legislação social de Bismark seguia o modelo Erbenfeld, criado pela comunidade holandesa-reformada. O barão von der Heydt foi o mediador destes primeiros inícios de Estado social na Alemanha. É certo que Max Weber defendeu a tese de que o calvinismo teria inspirado o capitalismo, mas isso é historicamente falso. Poder-se-ia dizer, igualmente, que o calvinismo terá inspirado, através do diaconato, o socialismo e, através do ordenamento eclesial presbiteriano-sinodal, a democracia.

A piedade pessoal leva, logicamente, a estruturas de misericórdia. Ambas as Igrejas, no decurso do século XIX, sustentaram, nos territórios alemães, o movimento cooperativo e fundaram, também, muitas cooperativas, no campo e na cidade, para combater a pobreza e o desemprego. Unindo-se, automaticamente, em cooperativas, tornaram-se fortes. A alternativa à pobreza não é a riqueza; a alternativa à pobreza e à riqueza é a comunidade.

Quando ouvimos a palavra misericórdia, pensamos, em geral, no homem misericordioso, e não no homem mísero. Como se sentem os pobres entregues aos bons sentimentos do homem misericordioso? Como se sentem os desempregados e sem teto que dependem das mesas e de um lugar quente nas igrejas? Se a misericórdia vier de cima para baixo, eles sentir-se-ão duplamente humilhados. Dar é um bem, aceitar é mais difícil. Por isso a piedade deve, sempre, saber reconhecer a dignidade do homem e respeitar a autoestima do necessitado. A melhor ajuda é “ajudar o outro a ajudar-se”.

A “opção primária pelos pobres” na América Latina (Medellín 1968) é boa para aqueles que não são pobres e não é, portanto, uma “opção dos pobres”. De facto, os pobres não têm optado pela pobreza, são é dela prisioneiros, e procuram uma via para sair da pobreza para uma vida boa e em comum. Os pobres só o são quando postos em confronto com os ricos, não são pobres em si mesmos e sob outros aspetos; possuem dons e energias próprias que pretendem ver despertadas e mobilizadas. Os pobres - como qualquer de nós - não querem que lhes peçam contas por aquilo que não têm, mas pretendem ser reconhecidos naquilo que são. Por isso, têm necessidade não só de misericórdia, mas também de solidariedade humana, e podem senti-la quando inseridos numa comunidade humana solidária.

O que é e como funciona uma comunidade humana solidária? A misericórdia vem

do coração e é - como mostra a parábola do bom samaritano - pessoal, espontânea e momentânea. A solidariedade, pelo contrário, é sentido cívico e fidelidade comunitária; é social, institucional e duradoura. Numa comunidade solidária existe a participação pública de todos, e a partilha do bem comum por cada um dos seus membros. Fidúcia e confiabilidade, direitos e deveres, são características da vida.

O modelo cristão não está no samaritano misericordioso, mas na comunhão de bens proto cristã. O moderno estado social europeu, é uma consequência da solidariedade organizada entre fortes e débeis, sãos e enfermos, jovens e idosos. O Estado social transforma os pobres, os enfermos, os idosos, de objetos de piedade em sujeitos com direitos e exigências: a segurança social, o subsídio de desemprego, as pensões de velhice. Mais do que “misericórdia estrutural” (Wolfgang Thierse), trata-se, aqui, de solidariedade estrutural; de facto tudo isto se baseia nos universais direitos humanos e civis. O moderno Estado de direito não se ocupa, somente, dos “rotulados de malfeitores”, esforça-se, também, por eliminar rapinas e homicídios, e por socializar os malfeitores. E, se o moderno Estado social se tornar, também, ecológico, então poderá, até, cultivar a misericórdia e a solidariedade com os animais, com as plantas e com a terra inteira. Quanto mais se recorrer a energias renováveis e a indústria se converter de *waste-making industry* em *recycling industry*, tanto melhor será o ecossistema global da terra, pátria de todos nós.

Misericórdia e piedade tornar-se-ão, então, coisas supérfluas? Não. A misericórdia é a alma da justiça social. Sem uma cultura da misericórdia, perde-se a motivação de base de uma legislação social. A ética da piedade com os pobres, os enfermos e os idosos deve constituir, hoje em dia, uma defesa contra a frieza social do neoliberalismo; de facto, somente uma ética universal da piedade pode justificar as leis sociais; não basta deplorar, individualmente, a omissão de socorro: é, também, necessário puni-la.

Também nos Estados sociais a misericórdia pessoal é necessária. A Caritas na Igreja católica, e o Diakonisches Werkna protestante, são incontornáveis na Alemanha. Embora a rede social da assistência estatal cubra as necessidades mais prementes, há muitos desempregados e sem teto, enfermos e idosos com quem ninguém se preocupa. Como nos mostra a experiência, as leis sociais apresentam, sempre, falhas, porque a vida é irregular. Nas agências sociais predomina, frequentemente, a suspeita da fraude, em vez do respeito pela dignidade humana dos necessitados.

A misericórdia faz com que a comunidade solidária nacional se abra aos perseguidos e aos refugiados, na medida do possível e do razoável. Por isso, o Papa Francisco foi a Lampedusa. A misericórdia é, por assim dizer, o vértice missionário de um Estado social aberto.

A misericórdia transforma-se, finalmente, numa fonte de socorro internacional. É o que se verifica, de forma bem clara, em casos de catástrofes naturais, terremotos e tsunamis, como há anos no Haiti. Pelo contrário, no caso de catástrofes políticas, como na Síria e no Iraque, ou de guerras civis e de Estados que se desagregam, a

questão torna-se muito mais complexa para a Comunidade de Estados. A ONU deve intervir em caso de genocídio. Povos inteiros, grupos étnicos e certas etnias podem, de facto, tratar com particular incidência da questão “dos malfeitores”, como nos mostram as catástrofes humanitárias no Ruanda e no Burundi.

A comunidade solidária e o Estado social só funcionam quando os mundos morais se orientam pelos princípios da solidariedade e da misericórdia, e não pelos da ideologia capitalista da avidez, da avareza e da egolatria.

No fundo, a piedade pessoal é não só necessária, como também é boa e bela. A piedade pessoal é a tradução da misericórdia divina na nossa convivência humana. A nossa pequena piedade consagra a vida do dia-a-dia, e é uma ressonância da grande misericórdia divina. A piedade pessoal é objeto de atenções incondicionais e imediatas da parte de Deus. A piedade pessoal é generosa e não é calculista. A piedade pessoal é óbvia e esquece-se de si mesma. A piedade pessoal existe, mesmo quando se negam à humanidade determinadas condições e impera a impiedade entre os homens. A piedade pessoal é uma vida feliz no vasto espaço da misericórdia de Deus.

**JÜRGEN MOLTMANN.** Teólogo Luterano, em artigo publicado pelo jornal *L'Osservatore Romano*, 21-10-2014.

## **JÜRGEN MOLTMANN (1926-)**

Um dos principais teólogos Luteranos contemporâneos. Nasceu em 1926 em Hamburgo, Alemanha. Lutou na II Guerra, foi feito prisioneiro pelos ingleses e foi levado para um campo de concentração na Inglaterra. De 1945-1948, esteve prisioneiro dos aliados na Bélgica e na Inglaterra. Esses anos de prisão levaram-no a refletir sobre o sentido da vocação cristã. Em 1948 voltou a Alemanha e foi estudar teologia. A partir de 1952, atuou como pastor da Igreja Luterana. Desde 1967, foi professor de teologia sistemática na Universidade de Tubinga.

MOLTMANN é um escritor prolífico, centrado integralmente em **“olhar a teologia sob um ponto de vista particular: a esperança. É uma contribuição sistemática à teologia, na qual considera o contexto e a correlação que os diferentes conceitos têm no campo da teologia”**. Dedicou-se a lecionar teologia em universidades. É o criador da **“Teologia da Esperança”**, em que desenvolve as ideias da realização do Reino, como promessa fundamental de Deus. Destaca muito a importância do mistério da cruz.

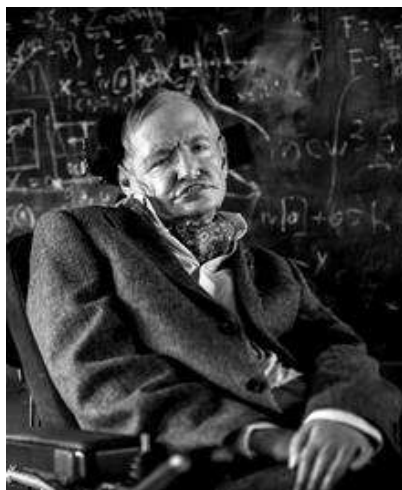
Moltmann é casado e tem quatro filhos.

principais obras:

**- TEOLOGIA DA ESPERANÇA / O DEUS CRUCIFICADO / A IGREJA NA FORÇA DO ESPÍRITO / CONVERSÃO AO FUTURO.**

## memória

# o universo numa casca de noz, de Stephen Hawking (1942-2018)



*Saber comunicar não era certamente o menor dos dons do cientista Stephen Hawking, recentemente falecido. Aqui fica, em aperitivo, um convite à leitura de uma das suas obras, onde ler e conhecer se conjugam com prazer. «Poderia estar encerrado numa casca de noz e sentir-me rei de um espaço infinito...” Shakespeare, Hamlet, segundo acto, cena 2. Possivelmente Hamlet queria dizer que apesar da limitação*

*física dos humanos, as nossas mentes podem explorar com audácia todo o universo e chegar onde os protagonistas do Star Trek temeriam ir, se os pesadelos nos permitirem isso. É o universo realmente infinito, ou apenas muito grande? E é perdurável ou só terá uma vida muito extensa? Como podem as nossas mentes finitas compreender um universo infinito? Não é presunçoso questionarmos sequer este propósito? ... A razão pela qual a relatividade geral perde validade diante da grande explosão é que não incorpora o princípio de incerteza, o elemento aleatório da teoria quântica que Einstein rechaçou na ideia de que Deus não joga aos dados. Entretanto, todas as evidências indicam que Deus é um jogador impenitente. Podemos considerar o universo como um grande casino, no qual os dados são lançados a cada instante e as roletas giram sem cessar...*